

**Daniela Vicentini<sup>1</sup>**

# **Bromélias:** Exercícios de percepção da natureza com base em estudos de Goethe e Holdrege

Bromeliads: Nature  
perception exercises based  
on Goethe and Holdrege  
studies

Bromelie: Esercizi di  
percezione della natura in  
base agli studi di Goethe e  
Holdrege

## Resumo

O artigo apresenta uma proposição artística que inclui caminhada e exercícios de desenho, escrita e corpo para a percepção de uma planta. A concepção da natureza parte de estudos científicos de Goethe e de reflexões acerca da pesquisa de Craig Holdrege. Buscamos explorar as possibilidades de nos colocarmos abertos para conhecer fenômenos da natureza, tendo a planta como guia no processo.

**Palavras-chave:** Caminhada; Natureza; Goethe; Observação; Proposição artística.

## Abstract

The article presents an artistic proposition that includes walking and drawing exercises, writing and body for the perception of a plant. The conception of nature is based on Goethe's scientific studies and reflections on Craig Holdrege's research. We seek to explore the possibilities of being open to the phenomena of nature, using the plant as a guide in the process.

**Keywords:** Walk; Nature; Goethe; Observation; Artistic proposition.

## Sommario

L'articolo presenta una proposta artistica che comprende camminata ed esercizi di disegno, scrittura e corpo per la percezione di una pianta. La concezione della natura si basa sugli studi scientifici di Goethe e sulle riflessioni della ricerca di Craig Holdrege. Cerchiamo di esplorare le possibilità di essere aperti ai fenomeni della natura, utilizzando la pianta come guida nel processo.

**Parole chiave:** Camminata; Natura; Goethe; Osservazione; Proposta artistica.

---

1 Daniela Vicentini formou-se em bacharelado em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP, 1995); fez mestrado em História Social da Cultura, na PUC-Rio, em 2000. É doutoranda no programa de pós-graduação da UDESC (ingresso em 2019), na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos. Participa do Grupo de Pesquisa "Articulações Poéticas". De 2001 a 2005, lecionou na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e na Uni-Brasil, em Curitiba. Em 2006, foi uma das vencedoras do prêmio editorial Iberê Camargo, publicou "Tríptico à Iberê" (Cosac Naify, 2010) e, em parceria com Fernando Burjato, "Arte brasileira nos acervos de Curitiba" (Segesta, 2010). Em 2014, realizou a exposição individual, *Ma r*, no Centro Cultural Badesc, em Florianópolis; e, em 2015, *Vai vem ver*, no Museu da Gravura, em Curitiba. Em 2009 e 2010, realizou o Treinamento em Goetheanismo, em 2019, concluiu a formação em Terapia Artística Antroposófica, ambos na Associação Sagres, Florianópolis. [www.danielavicentini.com.br](http://www.danielavicentini.com.br)

Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0553803387885690>

ORCID: <http://orcid.org/0000-000308944287>

E-mail: [vicentinidan@gmail.com](mailto:vicentinidan@gmail.com)

## 1 Introdução

Em agosto de 2019, iniciei minha pesquisa de doutorado, intitulada Expedições, na linha de Processos artísticos, do programa de pós-graduação da UDESC, com o intuito de realizar uma investigação prática e teórica do conceito de natureza na arte. Um dos objetivos da pesquisa é promover a organização de eventos que levem as pessoas para caminhar, observar, desenhar, pintar e estabelecer uma conversa com a natureza.

Apresento, neste texto, uma proposição inicial dessa pesquisa e as considerações teóricas que a envolvem. O planejamento da proposta da vivência parte do conceito de natureza que venho estudando nos escritos científicos de Goethe (1749-1832) – nos livros *A metamorfose das plantas* (2005), *A doutrina das cores* (1993) e *Ensaio científico* (2012). Outro autor importante para essa pesquisa é Craig Holdrege, com o livro *Thinking like a plant* (2013), pois desenvolve a ideia de a planta se colocar como uma professora a nos ensinar a pensar como ela, a pensarmos como uma planta.



Ilustrações 1, 2, 3 e 4. Estudo de Melissa, desenhos da autora, 2010.

Desde 2009, tenho realizado minhas pequenas expedições – caminhadas pela ilha de Florianópolis, o jardim de casa, para dizer certo –, para observar o vir a ser das plantas e das cores nos céus, formas das nuvens e paisagens de meu entorno. Com o intuito de me conectar com os ritmos da natureza, tenho procurado também aprofundar um processo de autopercepção alimentado por esses contatos: indagando-me, engajando-me numa ação repetida de ir e vir, numa busca incessante e intranquila de desvelamentos – a exemplo da intranquilidade da planta no seu vir a ser. Minhas observações vieram se concretizando em aquarelas e desenhos, a exemplo do estudo de Melissa (ilustração 1 a 4), do estudo de Araçá (ilustração 4 a 6) e das aquarelas da série Dunas (ilustração 12).



Ilustrações 4, 5 e 6. Estudo de Araçá, desenhos da autora, 2016/ 2017.

Propor algo nesse sentido também para outras pessoas é a pesquisa que inicio com a vivência que relato a seguir. Parto da ideia de que a arte pode viver nos olhos, nas mãos, na percepção das pessoas. Assim a concebia o artista Joseph Beuys, com a elaboração do seu conceito de “escultura social”. Como um trabalho artístico, a “escultura social” inclui toda atividade humana que se empenha em formar a sociedade e sua relação com o meio ambiente – a concepção de toda a sociedade como uma grande obra de arte em que cada pessoa pode contribuir criativamente. É consagrada a afirmação: “Todo ser humano é um artista” (BEUYS, *apud* ROSENTHAL, 2011).

## 2 Como sou natureza?

No dia 3 de outubro de 2019, Manika Bebhinn Ramnsay e eu organizamos uma vivência de uma caminhada de 3 quilômetros e exercícios de percepção, na Costa da Lagoa, em Florianópolis, intitulada “Como sou natureza?”. Era uma quinta-feira, de manhã. Com a seca acometendo todo o país nos últimos meses, uma chuva, menos intensa do que a desejada, nublava o céu e não fez desistir 8 das 15 pessoas que tinham se inscrito.



Ilustração 7. Caminhada na Costa da Lagoa, em 3 de outubro de 2019.

As pessoas se inscreveram num site, por ocasião de uma comemoração que ocorreu em todo o Brasil, intitulada “Viva Goethe”. Nosso percurso foi o de caminhar do Canto dos Araçás, do ponto 3, do barco, até o ponto 7, rumo ao bairro Costa da Lagoa, em Florianópolis, tão cheio de folclore e histórias fantásticas, cujo acesso se dá somente por trilha ou por barco, até o espaço “Morpho Azul”.

Os estudos científicos de Goethe são pouco citados, ainda que sejam fundamentais para sua obra literária. Lineu foi importante para sua pesquisa, mas, diferentemente do trabalho de classificar e diferenciar do célebre botânico, Goethe quer entender o que une, o que faz uma planta ser planta, a *forma tipo*, a força interna dos organismos. Ao arrancar uma planta, instantaneamente, falta-lhe algo: a vida. Lemos sua poesia:

**Achado**

Eu andava pelo bosque,  
Sempre assim, de bem comigo,  
E por nada procurava,  
Nem caminho, nem sentido.  
Quando à sombra então eu vi  
Como estrelas a brilhar  
Uma pequenina flor.  
Cativante, aquele olhar.  
Quando então eu quis colhê-la  
Me diz ela, doce e fina:  
Mas por que quebrar-me a haste?  
Minha vida assim termina!  
Com raízes inteirinhas  
Eu me pus a arrancar  
A plantinha, que levei  
Ao jardim de um lindo lar.  
Em plantá-la novamente  
Num lugar tão sossegado,  
Ali crescem novos ramos  
E há flor pra todo lado.

(GOETHE, apud ERTHAL, 2011, p. 84)

A ciência de Goethe é uma ciência da vida. Não aquela que disseca, classifica e separa. E considera apenas a estrutura física dos organismos. Se eu arranco a planta, falta-lhe algo. O processo de conhecimento acontece quando o sujeito se coloca à disposição para conversar ativamente com outro ser, com plena atenção nos pensamentos que o acometem. O pensamento vivo ocorre numa conversação contínua entre sujeito e fenômeno da sua percepção – uma fenomenologia.

Demos uma instrução para a caminhada. Em silêncio: observar como se as coisas não tivessem nome, ou, dito de outra forma, como se o mundo estivesse sendo visto como que pela primeira vez. Chegamos ao nosso destino, o espaço de cultura “Morpho Azul”. Trocamos nossas impressões ao redor de uma mesa bem servida. Trago um dos relatos de um homem que, inicialmente, achou não ter entrado na proposta. Ele trouxe a lembrança da feição do rosto de seu filho quando bebê, brilho dos olhos, gesto das mãos ao sentir o vento, a expressão de maravilhamento – de sentir e ver o mundo como pela primeira vez, como se as coisas não tivessem nome. Não é isto o que queremos? Estarmos no mundo como se pudéssemos recriá-lo em nós a cada instante?

Dividimo-nos em dois grupos, um a ser conduzido pela Manika e o outro por mim. Cada grupo deveria escolher uma planta do jardim ou, como se isto fosse possível, se deixar ser escolhido por ela. Como a chuva ameaçava voltar, ficamos protegidos na varanda e beiral da casa. Sobre uma rocha, numa comunidade de bromélias, dirigimos nossa atenção para a que florescia. Pedimos a cada pessoa que anotasse a primeira impressão que teve da planta. Começou a chover.

A instrução, dada em quatro passos, foi seguida por cada participante a seu tempo, em silêncio. O primeiro passo, uma descrição o mais exata possível, em desenho e escrita. O segundo, imaginar o movimento da planta para chegar a ter aquela forma e aquele que parece sugerir para o futuro, expresso num gesto com o corpo. O terceiro, perceber a relação da planta com o entorno e quais sentimentos desperta em cada pessoa. Por fim, escrever um breve poema, palavras, uma síntese que revelasse a essência.



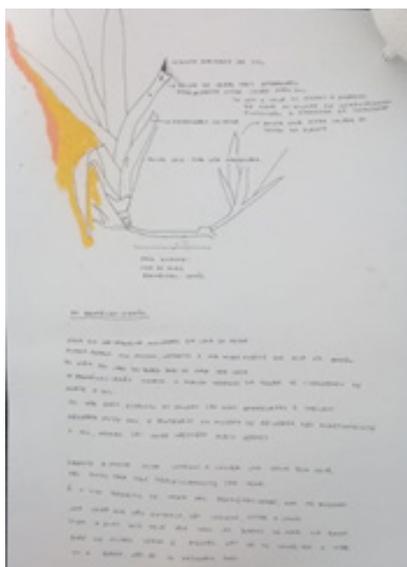
Ilustrações 8 e 9. Exercícios de Percepção, 2019.

Cada grupo apresentou sua planta para o outro. Qual não foi nossa surpresa ao perceber que ambos escolhemos a mesma planta! Os grupos escolheram diferentes espécies de bromélias. O que esta planta nos disse?

Conforme fomos descrevendo, a bromélia foi se refazendo em minha, ou nossa, imaginação. Perceber a planta que se ergue sobre rocha, com raízes expostas, interligadas com outras da mesma espécie, como família, mãe e filha ou irmãs, comunidade que se coloca como taças, bebedouros, doadora de vida, disse algo especial para cada um de nós. A coincidência da bromélia disse muito ao grupo. Algumas pessoas se emocionaram. Caminhamos de volta.



Ilustração 10. Finalização do evento.



Transcrição de Lorena Galery: |  
No verso, primeira impressão: irmãs.

- > folha de verde mais amarelado, possivelmente onde incide mais sol
- > com a chuva os verdes e amarelos de todas as folhas se intensificaram, diminuindo a diferença de tonalidades.
- > serrilhado na folha
- > folha nova ainda colada ao centro da planta
- > folha seca: pode ser arrancada

raiz exposta: une as duas bromélias-irmãs  
as bromélias-irmã vivem em uma pequena comunidade, em cima da pedra, dividem espaço com musgos, gravetos e uma outra espécie que fica na região do meio pro lado da pedra que se vira para a casa. As bromélias-irmãs ocupam a maior parte do terreno da pedra se espalhando de norte a sul. Do lado mais exposto as folhas são mais amareladas e indicam receber muito sol e protegem os musgos de receber tão diretamente o sol, afinal são onde crescem mais verdes.

-  
Durante minha visita, começou a chover. Uma chuva leve, não muito fria, mas definitivamente sem calor. É o tipo favorito de chuva das bromélias-irmãs, elas me disseram. Uma chuva que não encharca, não cozinha. Nutre e limpa. Digo a elas que deve ser como um banho de mar na Bahia. Elas me olham sérias e atentas. Não sei se conhecem o mar ou a Bahia. Não sei se nasceram aqui.

Ilustração 11. Desenho e escrito de Lorena Galery – participante da vivência, 2019.

### 3 A natureza, um verbo

No livro *Paisagem na arte*, o inglês Kenneth Clark afirma:

Estamos rodeados por coisas que não foram feitas por nós e que têm uma vida e estrutura diferente da nossa: árvores, flores, relva, rios, colinas e nuvens. Desde há séculos que nos inspiram curiosidades e respeito, e têm sido objetos do nosso prazer.[...] E temos pensado nelas como elementos de uma ideia a que chamamos natureza. A pintura de paisagem marca as fases da nossa concepção da Natureza. (CLARK, 1949, p.19)

A história da paisagem na arte tem início no Renascimento, quando sujeito e objeto se diferenciam e, para um observador que vê o mundo através de uma janela, as terras passam a se estender ao infinito, exatamente até o ponto de fuga da perspectiva linear. Se a arte constrói símbolos, aos quais estamos ou não familiarizados, a sua aceitação como realidade vem ocorrendo com as várias camadas de códigos de representação que se instauram como cultura. E a ideia da separação do sujeito que observa o mundo como algo diferente de si é enraizada. Temos uma cultura dualista, a separação do sujeito e do objeto. No entanto, nos perguntamos, temos realmente uma estrutura diferente das coisas que nos rodeiam? Como podemos deixar de nos sentirmos apartados de nosso entorno?

Craig Holdrege, com a ideia “pensar como uma planta”, em seu livro *Thinking like a plant* (2013), inspirado pelos estudos científicos de Goethe, especificamente com referência ao livro *A metamorfose das plantas* (2005), propõe que podemos ter a planta como nossa professora para conquistarmos uma religação com o nosso entorno e atingirmos a superação da visão do mundo como *objeto* para a visão do

mundo como um *todo orgânico* relacionado – alcançar esse entendimento é, para o autor, revolucionário.

Goethe considera a natureza não em seus aspectos isolados e fragmentários, mas como coisa atuante e vivente, procurando apresentá-la como “uma totalidade que se esforça por evidenciar-se em suas várias partes” (GOETHE, 2005, p.8). Num trabalho de intensa observação e registro, em desenhos do vir a ser da planta, Goethe demonstra as ondas de contração e expansão, as transições e metamorfoses que atuam para que a planta se desenvolva. Qual a ideia da planta?, pergunta-se.

A *metamorfose das plantas* apresenta minuciosa observação do movimento pendular de contração e expansão, que cria transições e metamorfoses e configura continuamente o vir a ser da planta que se produz ativamente, conformando-se num entorno específico. Os grandes impulsionadores da natureza são a polaridade e a intensificação, ou seja, a contínua atração e repulsão e a ascensão sempre almejada. Assim a semente se abre para seu entorno, absorve a água, germina e, ao mesmo tempo, surgem raízes e caule e depois as folhas nascem, expandem-se, diferenciam-se até a contração numa pequena folha antes da inflorescência.

Conforme considera Craig Holdrege (2013), a planta ensina sobre a transformação perpétua. Numa única planta, há diferentes formatos de folhas. A planta é um ser inteiro, num dado momento; no entanto, todos os elementos da planta nunca estão presentes ao mesmo tempo – algo morre, quando outra coisa nasce, e assim por diante. A planta é, portanto, um verbo, não um substantivo. É um *processo* e não um *objeto*.

A planta está em comunicação constante com seu entorno, continua Holdrege, em cada etapa do seu desenvolvimento – é uma interação viva, uma conversa contínua. Uma planta é distinta, mas não separada do ambiente. O entorno se manifesta na forma da planta: se há falta de luz, vento forte, solo fértil, pouca água e assim por diante, tudo isso configura o jeito de ser da planta. Mas não só o entorno modifica a planta, também a planta modifica o entorno: retira gás carbônico do ar, traz água para a superfície, fixa nitrogênio no solo, tira nutrientes do solo, morre e vira nutriente para o solo, dá sombra e compartilha nutrientes com outras plantas, atrai animais, repele insetos, e por aí vai.

O enfoque de Craig Holdrege é trazer ferramentas, imagens, pensamentos, exercícios, para o ser humano aprender a conversar com a natureza. Com o objetivo de aproximar-se do fenômeno e deixá-lo falar por si, investigando-o a partir de muitas perspectivas, podemos desenvolver uma autoconsciência aguda sobre a forma como interagimos com o fenômeno a partir de nossas ideias. Afinal:

Vemos o mundo de um modo a partir da planície, de outro a partir do topo de uma escarpa, e de outro ainda dos flancos de uma cordilheira. De alguns desses pontos podemos ver uma porção maior do mundo que de outros, mas isso é tudo. Não se pode dizer que vemos de modo mais verdadeiro de um desses pontos que dos restantes. (GOETHE, *apud* ERTHAL, 2011, p.79)

O verdadeiro conhecimento cresce com uma interação cuidadosa entre o ser humano e o fenômeno, do mesmo jeito que uma planta se desenvolve com uma interação entre espécie de planta e seu entorno. Uma experiência que une o fora e

dentro e dessa forma transcende o dualismo. Na experiência, não tem fora e dentro, é “eu-no-mundo” e “mundo-em-mim”, ou, melhor ainda, “mundo-eu”. É a experiência que transcende, na prática, o pensar “objeto”, morto do mundo, e afirma a natureza participativa da realidade.

Holdrege, em *Thinking like a plant* (2013), propõe uma reflexão para pensarmos na nossa existência no mundo, como propõe Goethe. Sugere que isso seja feito por meio de exercícios de observação da natureza que, generalizando, levem a uma ligação verdadeira com o fenômeno em seu entorno, que revelem como pessoas diferentes percebem de formas diferentes, que façam cada um se perceber no ato de observar, entre outras possibilidades.

#### 4 O corpo na natureza

Num texto de 1202, *The complaint of nature*, Alanus de Insulis (1908) escreve que a Deusa Natura está doente, morrendo, e os seres humanos na terra não cuidam mais dela. E o autor conta como a Gramática, a Dialética, a Retórica, a Aritmética, a Música, a Geometria e a Astronomia precisam ir até Deus em busca de uma nova alma para a Natureza. Os séculos que seguiram até o presente colocaram a natureza no laboratório, numa mesa de dissecação, em alguns casos, sob tortura. A dicotomia sujeito *versus* objeto, humano *versus* natureza não humana, apartou o ser humano do seu entorno e de si mesmo. A natureza, passando pelo crivo da tecnologia, criou um afastamento ainda maior entre a humanidade e os processos e fenômenos naturais. Nesta visão mecanicista, a Terra se tornou um bem de consumo, uma mera fonte de recursos materiais para serem explorados economicamente.

Acredito que a crise ecológica só possa ser revertida com base em uma transformação das subjetividades. Por meio da arte, é possível criar uma ponte entre a interioridade do ser humano e o mundo. Como sugere Goethe: a arte é a ponte. Temos urgência em atuar na renovação da percepção que temos da natureza. Afinal, como escreve o norte-americano Simon Schama, em seu livro *Paisagem e memória*:

(...)conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. (SCHAMA, 1996, p.17)

A arte nos revela a concepção histórica que temos da natureza, como afirma Kenneth Clark (1949, p.19). Ao longo dos séculos, os artistas vão depositando no mundo camadas de olhar que criam códigos de representação, que se revelam no primeiro olhar de um mato no Renascimento, nas célebres aquarelas de Dürer, desenhos de Pisanello e de Leonardo da Vinci; no mistério das paisagens que cadenciam claros e escuros do Barroco, nas pinturas de Rembrandt e Ruisdael; nas nuvens, céus, esboços, dos artistas românticos, com a cuidadosa observação e catalogação dos fenômenos da natureza, nuvens, cores, tempestades; e a renovada presença na dinâmica das estações, pelo estudo de diferentes matizes e tons numa observação fenomenológica, revelada nos trabalhos dos impressionistas.

Mais recentemente, desde os anos 1960, a relação entre arte e natureza se coloca com conceitos de dentro e fora, visto e não visto, lugar e não lugar, paisagem e cultura. Com proposições que evidenciam a presença concreta do corpo do sujeito num dado lugar, a arte pós-minimalista configura o campo expandido da arte. Assim a superfície do planeta passa a ser vista como desenho: desenha-se no ato de caminhar, de remover a terra, de deixar vestígios. Pode-se observar o mundo como desenho, visto de um avião, da terra vista de cima. A paisagem é também algo cambiante, a ser vivida por um sujeito encarnado. Caminhar, plantar, colher, remover, reavivar paisagens em ruínas pela tecnologia, escrever cartas a serem encontradas com um mapa, emoldurar o céu, pintar com luz, captar raios para desenhar na noite, são algumas proposições. Muitas dessas estratégias e trabalhos experimentamos por meio de fotografias. A preocupação ecológica pode ser percebida como parte da proposição de alguns artistas contemporâneos que dialogam com esta vasta rede de referências artísticas.

## 5. Considerações finais: a construção de um jardim

Meu interesse no pensamento de Goethe está ligado ao meu engajamento com práticas oriundas do âmbito da antroposofia, que informam muitos dos procedimentos que emergem na minha prática artística. O deslocamento que promovo das atividades da antroposofia para o campo da arte contemporânea pode suscitar novas camadas de configurações, pois dialoga tanto com a tradição artística da paisagem na história da arte ocidental quanto com estratégias e debates da arte contemporânea. A repetição de procedimentos e a observação dos fenômenos naturais vieram constituindo a dinâmica do meu trabalho artístico desde a última década. Por exemplo, na construção da série de pinturas intitulada Dunas, em que caminho até as dunas e me coloco sempre no mesmo lugar, para observar diferentes direções, o perto, o longe, e o passar dos dias – realizadas num semestre em 2010, em outro em 2012 (ilustração 12), em outro em 2015, em aberto para novas configurações. O deslocamento, a repetição e a disposição de realizar uma observação contínua e renovada se traduzem no meu processo de trabalho, resultando em pinturas e desenhos que remetem ao fluxo da passagem do tempo num mesmo lugar.

Ao colocar a pergunta inicial deste artigo, não tive a intenção de respondê-la de uma só vez: *Como sou natureza?* Esta pergunta reverbera e move tanto meu trabalho pictórico individual quanto minhas ações envolvendo a participação do público, como a proposta que relatei da caminhada na Costa da Lagoa, em Florianópolis. A intenção inicial foi a de convidarmos as pessoas para abrirem suas percepções para uma relação, talvez, inabitual com a natureza. O foco desta ação foi o de tornar viva a capacidade das pessoas de observar as plantas e a si mesmas, com atenção intensificada durante a caminhada proposta, colocando em prática as reflexões de Goethe e Holdrege, apresentadas neste artigo.

Convidamos as pessoas a entregarem-se a esse estado de percepção, da mesma maneira como se pode cultivar um jardim: regando, trazendo novo solo, observando o brotar e o fenecer, realizando podas, maneando ideias e ações. Neste ir e

vir de contemplação de fenômenos naturais, pode ser possível captar pensamentos, respirar o entorno, para adquirir forças para cada um de nós cuidarmos do nosso jardim interno em conexão com o ritmo, as cores, a terra, as plantas, as pessoas – atentos aos movimentos dessa pequena ecologia.

Escrever este texto é uma maneira de dar forma à ação realizada na Costa da Lagoa e organizar as ideias que a impulsionam. A escrita torna-se um prolongamento da caminhada e um lugar de exposição de “Como sou natureza?”. Muitas questões estão em aberto. De todo modo, as bromélias já fazem parte de um jardim, ou de uma paisagem, que pretendo ir construindo ao longo dos próximos anos.



Ilustração 12. Sem título, da série Dunas, aquarela sobre papel, 90x200cm (30x40cmcada), 2012. Os trabalhos da série Dunas são feitos por observação no lugar, em vários dias, por alguns meses.

## Referências

ALAIN OF LILLE [Alanus de Insulis], d. 1202. The complaint of nature, Yale Studies in English, v. 36 (1908), Translation of De planctunatura. by Douglas M. Moffat. Paginação preservada em texto em formato. Disponível em: <<http://www.fordham.edu/halsall/basis/alain-deplanctu.asp>>. Acesso em: 29/10/2019.

CLARK, Kenneth. Paisagem na arte. Lisboa: Ulisseia, 1949.

ERTHAL, Mateus Duque. Traduzindo Clássicos: Gefunden, de Goethe – o trabalho do Barão de Paranapiacaba. Revista Tradterm. São Paulo, USP, v. 18, p. 68-88, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/36755>> . Acesso em: 26/10/2019.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Doutrina das cores. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GOETHE, Johann Wolfgang von. A metamorfose das plantas. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Ensaios científicos. São Paulo: Barany/Ad Verbum, 2012.

HOLDREGE, Craig. Thinking like a plant. Tradução livre de Manika Bebhinn Ramsay. New York: Lindisfarne, 2013.

ROSENTHAL, Dália. Joseph Beuys: o elemento material como agente social. São Paulo: ARS, São Paulo, v.9, n.18, 2011. Disponível em 29/10/2019 <:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1678-53202011000200008>. Acesso em: 29/10/2019.

SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Submetido em: 30/10/2019

Aceito em: 05/12/2019